

Capítulo 8

O sítio da Valada do Mato no quadro das ocupações do Neolítico antigo no Ocidente peninsular

8.1. Preâmbulo

A interpretação dos dados provenientes da Valada do Mato e a definição dos processos históricos que os justificam devem ser enquadradas na polémica ampla em que se integram, ainda que aqui o sejam de forma muito sucinta, porque se reserva para o próximo capítulo a discussão detalhada dos modelos de neolitização do território actualmente português.

Nas últimas décadas, o debate acerca dos fenómenos de neolitização, que estão na origem dos grupos agro-pastoris do espaço europeu, centrou-se sobre as fases iniciais do processo e sobre o papel que desempenharam, neste cenário de mudança, os grupos de colonos neolíticos e os grupos indígenas de caçadores-recolectores.

De acordo com os registos provenientes de diferentes áreas do continente podem detectar-se duas principais modalidades de neolitização destes territórios. Uma primeira teria resultado de intrusões, mais ou menos súbitas, de sistemas culturais neolíticos sem antecedentes numa região específica e dado origem a quadros de efectiva dualidade cultural, e uma outra que reflectia a adopção progressiva de elementos neolíticos, a ritmos diferenciados, por parte das populações mesolíticas indígenas (Harris, 1996; Price, 2000).

Os modelos de neolitização construídos para o território actualmente português, quer assentem na existência de uma movimentação démica ou defendam a percolação de elementos culturais, admitem que numa segunda fase do Neolítico antigo, o processo, que na origem foi essencialmente litoral, se expande para o interior.

Esta expansão, inicialmente, associada ao fenómeno megalítico, e ao Neolítico médio (Guilaine e Ferreira, 1970, p. 318; Arnaud, 1982, p. 45; Zilhão, 1992, p. 156), ficou a partir dos dados recolhidos ao longo dos anos 90, no interior do território, relacionada de forma inequívoca com algum momento do Neolítico antigo, remontando claramente a uma etapa pré-megalítica (Sanches, 1997; Diniz e Calado, 1997; Diniz, 2000, 2001a; Valera, 1998; Aubry e Carvalho, 1998; Carvalho, 1999; Monteiro-Rodrigues, 2000).

No entanto, ainda que datada de uma fase antiga da diacronia neolítica são insuficientemente conhecidas as trajectórias efectivas dessa expansão, a cultura material, os esquemas de subsistência dessas comunidades neolíticas, e o contributo dado pelos caçadores-recolectores na formação dos grupos que ocuparam áreas com escassos, ou mesmo sem, indícios de anteriores ocupações.

No actual território português, a contemporaneidade entre grupos que desenvolveram diferentes modalidades de implantação no espaço, diferentes culturas materiais e diferentes estratégias económicas, demonstra que, ao longo desta fase, o critério cronológico não é suficiente para definir a personalidade cultural de uma comunidade.

Se, em outras áreas do continente europeu, a ausência de dados, ou o incipiente conhecimento dos grupos mesolíticos torna as comunidades neolíticas os agentes fundamentais da História, no Sul do actual território português a presença de um importante povoamento de caçadores-recolectores torna o panorama, necessariamente, mais complexo.

8.2. O substrato indígena

No Sudoeste peninsular, uma análise objectiva da documentação disponível parece demonstrar que, apesar da existência de uma densa ocupação mesolítica, estes grupos permaneceram afastados das dinâmicas de neolitização iniciadas em meados do VI milénio cal BC, de acordo com as datas obtidas na Costa Algarvia (Cardoso et al., 1996a), e na Estremadura portuguesa (Zilhão, 2001).

Entre as comunidades de caçadores-recolectores estabelecidas, desde os inícios do Atlântico, nos vales do Tejo, do Sado e na Costa Sudoeste não se detectam, a partir desta data, significativas alterações em qualquer dos campos do sistema cultural, das estratégias de implantação no espaço, ou de exploração de recursos.

Nos contextos mesolíticos, a ausência de espécies domésticas entre os restos faunísticos (Lentacker, 1986; Arnaud, 1990; Vierra, 1995), e a posição estratigráfica dos raros fragmentos cerâmicos aí recolhidos, parecem indicar que, durante a longa convivência entre produtores e caçadores-recolectores, estes últimos não teriam iniciado nunca uma fase de disponibilidade como a definida por Zvelebil (1986).

A ocupação dos concheiros do vale do Tejo ter-se-á prolongado até cerca de 5000 cal BC (Zilhão, 2000, p. 160), e as datações mais recentes obtidas para os concheiros do vale do Sado, provenientes do Cabeço do Pez e das Amoreiras, indicam que a sua utilização se prolonga até ao primeiro quartel/meados do V milénio cal BC (Arnaud, 2000).

A presença de comunidades que conservam padrões culturais mesolíticos, na transição do VI para o V milénio cal BC, está também documentada na Costa Sul e Sudoeste. Do concheiro de Vidigal provém uma data de 6030 ± 180 BP (Strauss et al., 1990, p. 464), e do concheiro de Alcantarilha, uma data de 6120 ± 70 BP (Bicho et al., 2000, p. 20).

A riqueza natural dos ecossistemas que estes grupos exploraram terá permitido a manutenção dos esquemas tradicionais de gestão dos territórios e de obtenção de recursos, e justifica a escassa apetência para integrar inovações, quer no plano artefactual quer ao nível das práticas de subsistência.

A cerâmica parece constituir a excepção, sendo o único componente neolítico manipulado por sociedades de caçadores-recolectores, ainda que, e de acordo com os dados actualmente disponíveis, de forma meramente pontual.

A análise da proveniência estratigráfica destes materiais permite diferenciar duas situações com distintos significados históricos.

Em alguns casos, a presença de fragmentos cerâmicos sobrepõe-se a áreas ocupadas ao longo do Mesolítico, mas a deposição deste material, posterior à formação desses contextos, deve documentar apenas uma coincidência espacial, e não reflectir a existência de contactos entre grupos culturalmente diferenciados.

Essa descontinuidade temporal foi detectada desde os alvares da disciplina, uma vez que “É sabido que na Moita do Sebastião descobriu o Sr. Paula e Oliveira, em um pequeno espaço, sobreposta ao massiço das conchas e detritos que formavam propriamente o *kjoekkenmoeddinger*, uma camada de terra vegetal, manifestamente de formação posterior; e nessa camada recolheu fragmentos de cerâmica, apresentando as fôrmas e o estilo de ornamentação da louça neolithica.” (Rocha, 1908, p.200).

Estariam, também, nestas circunstâncias os materiais cerâmicos recolhidos no Forno da Cal (Zilhão, 2000, p. 160), os fragmentos provenientes das camadas superficiais da Cova da Onça e do Cabeço da Amoreira (Ferreira, 1974). No Sado, os fragmentos encontrados nos níveis superiores do Cabeço do Pez (Santos et al., 1974), e Poças de S. Bento (Arnaud, 1987), teriam sido depositados aquando de uma reocupação acontecida após a formação, ao longo do Mesolítico, dos depósitos conquíferos (Arnaud, 2002, p. 70).

Um outro processo parece estar registado no concheiro de Amoreiras, onde foram recolhidos nos níveis de base, cerca de meia centena de fragmentos cerâmicos, dos quais três apresentam decoração cardinal (Arnaud, 2002, p. 70).

Apesar de, neste caso, se admitir um contacto efectivo do grupo com comunidades produtoras de cerâmica, os restos faunísticos, estudados por Rowley-Conwy, incluem apenas espécies selvagens (Soares, 1995, p. 28).

Ainda que os sítios se encontrem numa fase preliminar de estudo, os dados provenientes dos concheiros algarvios de Vale Santo I e Alcantarilha (Bicho et al., 2000), podem enquadrar-se num processo idêntico e, também aqui, a existência de escassos fragmentos cerâmicos não é, aparentemente, acompanhada por qualquer outra alteração no sistema cultural.

Em outros concheiros de caçadores-recolectores, como Castelejo (Silva e Soares, 1997), Medo Tojeiro (Silva et al., 1985), Samouqueira II (Soares, 1995), ou Vidigal (Vierra, 1995), não é claro se a presença, em número muito reduzido, destes materiais resulta de intrusões posteriores à formação dos depósitos conquíferos, ou se traduz o emprego esporádico de recipientes cerâmicos por parte dos grupos aí estacionados.

Em qualquer dos casos, a cerâmica é sempre, e em todos estes contextos, muito rara, confirmando a pouca disponibilidade destes grupos em aderir ou integrar os elementos inovadores, disponíveis na bacia do Mediterrâneo ocidental (Quadro 44).

QUADRO 44

Frequência e proveniência estratigráfica de material cerâmico em concheiros mesolíticos

Sítio	Cronologia*	N.º de fragmentos	Proveniência estratigráfica	
Moita do Sebastião (Muge)	Níveis não datados	21 fragmentos	Camadas superficiais	Ferreira, 1974
Amoreiras (Sado)	6370±70 BP 5990±75 BP	50 fragmentos (3 de cerâmica cardinal)	Níveis inferiores	Arnaud, 2002, p. 68
Cabeço do Pez (Sado)	6050±70 BP 5535±130 BP	Mais de 50 fragmentos	Não identificada	Santos et al., 1974
Samouqueira II (Costa Sudoeste)	Níveis não datados	Escassos fragmentos	Provenientes da única camada arqueológica identificada	Soares, 1995
Medo Tojeiro (Costa Sudoeste)	6440±140 BP 6150±120 BP	10 fragmentos	Distribuídos por todas as camadas	Silva et al., 1985, p. 12; Silva e Soares, 1997, p.98
Vidigal (Costa Sudoeste)	6030±180 BP	4 fragmentos	Níveis superiores	Vierra, 1995, p. 163; Straus, et al., 1990, p.465
Castelejo (Algarve)	Níveis não datados	Escassos fragmentos	Níveis superiores	Silva e Soares, 1997, p. 94
Vale Santo I (Algarve)	6340±120 BP	Escassos fragmentos	Provenientes da única camada arqueológica identificada	Bicho et al., 2000, p. 20
Alcantarilha (Algarve)	6120±70 BP	Escassos fragmentos	Provenientes da única camada arqueológica identificada	Bicho et al., 2000, p. 20

* Os valores das datas obtidas sobre conchas encontram-se corrigidos por subtração da idade aparente de 380 ± 30 anos (Soares, 1993).

Explicar a escassez de material cerâmico de acordo com a funcionalidade admitida para estes sítios não parece possível. Nos concheiros da Comporta (Silva et al., 1986), ou no nível calcolítico do concheiro de Montes de Baixo, a cerâmica está bem documentada apesar do carácter sazonal admitido para estas ocupações (Silva e Soares, 1997), que exploram um leque idêntico de recursos.

A inexistência de espécies domésticas entre as faunas consumidas nos contextos do Mesolítico final, e mesmo a não adopção de recipientes cerâmicos que podiam facilitar esquemas de armazenamento, aponta para a manutenção das estratégias tradicionais, que funcionavam com eficácia.

A proposta de alguns investigadores acerca da existência, no final do Mesolítico, de um desequilíbrio ecológico, que justificava a adopção gradual de componentes da neolitização, não parece sustentável de acordo com os dados actualmente disponíveis.

Esta quase ausência de contactos, demonstrada através da análise dos dados arqueológicos provenientes dos sítios mesolíticos, pode em alguns casos dever-se à exiguidade das áreas efectivamente escavadas, e portanto não ser absolutamente representativa da intensidade dos intercâmbios acontecidos, ou a um preconceito da investigação que tem procurado de forma sistemática componentes neolíticos entre os grupos mesolíticos, mas que não tem estado tão vocacionada para observar trocas de sentido inverso.

8.3. O sítio da Valada do Mato: integração na paisagem cultural

Ainda que os contactos entre os diferentes sistemas culturais em cena se encontrem insuficientemente documentados nas áreas ocupadas ao longo do Mesolítico, o sítio da Valada do Mato parece reflectir a existência de modalidades de interacção entre ambos os grupos que não estavam previamente registadas. Estas modalidades de contacto ultrapassam o plano da esporádica troca de artefactos e devem estar na origem deste sistema, composto pela miscigenação de componentes com diferentes origens culturais (Diniz, 2003).

Nesta ocupação, datada dos finais do VI/ primeiro quartel do V milénios cal BC, detectam-se, sobre uma matriz cultural inequivocamente neolítica, traços próprios dos sistemas tecnológicos dos caçadores-recolectores mesolíticos.

A Valada do Mato ilustra *um, e não o*, resultado possível dos processos de neolitização ocorridos a partir de meados do VI milénio cal BC, no Centro e Sul de Portugal. Neste sítio, um conjunto de argumentos de natureza estratigráfica, tafonómica, artefactual, e cronológica, permite afirmar que a ocupação aí registada foi o resultado de uma efectiva miscigenação cultural e não de uma miscigenação de diferentes níveis arqueológicos.

A partir dos dados recuperados, que tornam interpretações alternativas menos plausíveis, o sítio terá sido ocupado:

- numa única fase cultural, cuja exacta duração ainda não se encontra determinada, por uma população miscigenada;
- de forma permanente por um grupo que praticava uma economia mista.

8.3.1. Uma população miscigenada?

Critérios estratigráficos e tafonómicos

De acordo com as regras do actual debate arqueológico a demonstração da “fiabilidade tafonómica” de um sítio, das associações de materiais, e destes com as datações absolutas disponíveis para os contextos de origem, deve preceder qualquer discussão acerca do significado crono-cultural de uma ocupação.

Na Valada do Mato foi detectado um único solo de ocupação, U.E. 9, com uma espessura da ordem dos 20-25 cm, depositado sobre a rocha de base ou sobre o areão estéril. As estrutu-

ras, U.E. 5, U.E. 12, U.E. 16 e U.E. 17, assentam também na rocha ou no areão, e a formação do solo antrópico é um resultado da sua utilização.

Neste solo antrópico, os materiais, com traços claros de pisoteamento, tendem a concentrar-se em algumas áreas que poderão ter funcionado como lixeiras não estruturadas.

A superfície de abandono desta ocupação está representada na U.E. 2/3, onde a deposição de um sedimento quimicamente distinto do encontrado no nível de ocupação, embalou os restos materiais aí deixados. A componente artefactual recolhida na U.E. 2/3 foi sujeita a diferentes fenómenos pós-deposicionais, mas não apresenta tão evidentes traços de pisoteamento.

O conteúdo artefactual deste solo e das estruturas associadas não deixa dúvidas quanto à natureza neolítica da ocupação, desde o seu início, e que este nível e a sua superfície de abandono constituem a origem estratigráfica de todo o material recolhido, que em resultado de fenómenos de bioturbação foi, depois, transportado, para distintos pontos da sequência estratigráfica (Quadro 45).

A possibilidade de se ter registado uma ocupação anterior à detectada em U.E. 9 não parece, de acordo com os dados estratigráficos actualmente disponíveis, defensável. O solo sobre a qual esta teria, hipoteticamente, decorrido teria sido integralmente removido por processos erosivos que, no entanto, teriam permitido a conservação de elementos artefactuais de mínimas dimensões.

O número importante de restos de talhe de medidas milimétricas, e a conservação no sedimento de marcadores químicos relacionados com a presença humana, demonstra que, no sítio, os processos pós-deposicionais terão sobretudo deslocado, horizontal e verticalmente, o material, e que os fenómenos de lixiviação terão ocorrido com menor incidência.

Se o número de materiais recuperados nas distintas unidades estratigráficas apresenta diferenças muito significativas, que estão também relacionadas com o volume de sedimento escavado, a composição tipológica dos conjuntos não sofre alterações.

QUADRO 45

Percentagem de sedimento e de material de pedra lascada por unidade estratigráfica – *Locus 1*

U.E.	Volume de sedimento escavado	Material de pedra lascada
1	60% (25 m ³)	54,5% (2530)
2/3	35% (11 m ³)	35% (1773)
9*	12% (5 m ³)	7,2% (338)

QUADRO 46

Percentagem de micro-buris e geométricos por unidade estratigráfica – *Locus 1*

U.E.	Micro-buris	Geométricos
1	50% (97)	41,9% (86)
2/3	30% (58)	37% (76)
9*	4,6% (9)	8,7% (18)

QUADRO 47

Tipologia da componente geométrica por unidade estratigráfica – *Locus 1*

U.E.	Triângulos	Trapézios	Segmentos
1	2% (2)	12% (10)	86% (74)
2/3	5% (4)	12% (9)	83% (63)
9*	0	17% (2)	83% (10)

* Foram incluídos nesta contagem os materiais recuperados nas estruturas associadas a esta unidade.

A dispersão vertical de alguns elementos diagnósticos indica a origem única do material, numa unidade estratigráfica, cultural e cronologicamente, homogénea.

A percentagem de micro-buris e de geométricos é, em cada unidade, proporcional ao volume de sedimento escavado, e observando a composição interna da componente geométrica, o carácter tipologicamente uniforme da sequência torna-se ainda mais evidente, uma vez que os segmentos representam da base ao topo sempre mais de 80% dos geométricos recuperados (Quadros 46 e 47).

O conteúdo artefactual das unidades depositadas após abandono do sítio, reflecte com grande fidelidade as características do nível de ocupação original, quer no campo dos materiais de pedra lascada quer no campo dos materiais cerâmicos.

Ainda que parte substantiva dos fragmentos cerâmicos tenham sido recuperados na U.E. 1 e na U.E. 2/3, a presença deste material está plenamente atestada desde a base da ocupação (Quadros 48 e 49). A menor densidade e a concentração dos fragmentos, em alguns pontos particulares, que se registava ao nível da U.E. 9 são, como foi anteriormente avançado, compatíveis com espaços de actividade e áreas de circulação próprias de um solo de ocupação.

A cerâmica faz parte integrante do pacote artefactual manipulado durante esta ocupação, e observando a dispersão vertical das duas técnicas decorativas principais regista-se, ao longo da sequência, no quadro de um relativo equilíbrio, o domínio constante das cerâmicas impressas.

QUADRO 48

Volume de sedimento e de material cerâmico por unidade estratigráfica – *Locus 1*

U.E.	Volume de sedimento escavado	Material cerâmico
1	60% (25 m ³)	60% (5310)
2/3	35% (11 m ³)	34,9% (3064)
9*	12% (5 m ³)	4,5 % (389)

QUADRO 49

Principais técnicas decorativas por unidade estratigráfica – *Locus 1*

U.E.	C. Impressas	C. incisas	Cerâmica cardial
1	39,8% (214)	24,2% (130)	35% (6)
2/3	30,4% (153)	17,9% (90)	29,4% (5)
9*	28% (14)	20% (10)	11,7% (2)

* Foram incluídos nesta contagem os materiais recuperados nas estruturas associadas a esta unidade.

Apesar de demonstrada a proveniência do material recolhido nas unidades depositadas após o abandono do sítio, e da ausência de dados estratigráficos relativos a ocupações anteriores à documentada na U.E. 9 e nas estruturas associadas, havia que garantir a contemporaneidade genérica dos diferentes componentes, líticos e cerâmicos, que a integravam.

Critérios artefactuais

Ao nível da indústria lítica, os trabalhos recentemente publicados, por A. Faustino Carvalho (1998a), acerca da indústria do talhe da pedra, no Neolítico antigo do Maciço Calcário estremenho, por Cristina Araújo (1995-97) [1999], e Gregor Marchand (2001), respectivamente, sobre as indústrias líticas dos concheiros mesolíticos, do vale do Sado, de Poças de São Bento, e Várzea da Mó - Cabeço do Rebolador, e por Bradley Vierra (1995), acerca dos concheiros de Vidigal e Fiais, na Costa Sudoeste, permitem estabelecer uma caracteriza-

ção tecno-tipológica do talhe da pedra nestes contextos culturalmente diferenciados, e ao mesmo tempo detectar planos de continuidade e de ruptura entre os diferentes sistemas culturais.

Confrontando os dados da Valada do Mato com a informação proveniente destes outros sítios (Quadro 50), torna-se evidente que existe na indústria de pedra lascada, do sítio alentejano, uma combinatória de traços técnicos e tipológicos com diferentes origens culturais, que é aliás uma característica própria do talhe da pedra no Neolítico antigo do Sul de Portugal (Marchand, 2001).

Se, de uma forma global podem ser detectadas continuidades técnicas e tipológicas, entre os sistemas de talhe da pedra mesolíticos e neolíticos, no conjunto da Valada do Mato, a combinação de elementos com diferentes origens culturais é muito acentuada, e inclui mesmo componentes que parecem sistematicamente ausentes em outros contextos neolíticos.

No campo das matérias-primas, parece detectar-se uma ruptura importante ao nível dos padrões de aprovisionamento de material lítico, entre os diferentes sistemas culturais.

A acentuada dependência sobre recursos localmente disponíveis, com diferentes graus de aptidão para o talhe, documentada nos contextos mesolíticos do vale do Tejo, do vale do Sado e da Costa Sudoeste (Roche, 1960, p. 51; Arnaud, 1987, p. 58; Vierra, 1995, p. 163-166, 192), contrasta com a utilização sistemática, no Neolítico antigo, de rochas de grão fino, com múltiplas proveniências, que ultrapassam uma origem local, ou mesmo regional.

Na Valada do Mato, a modalidade de obtenção, e os critérios de selecção de matérias-primas apresentam as características próprias dos sistemas neolíticos, que através de mecanismos sociais complexos, como as trocas a média/longa distância, superam as discontinuidades registadas na distribuição natural das matérias-primas (Binder, 2000, p. 131).

A indústria da pedra lascada, na Valada do Mato, distancia-se do padrão identificado no Mesolítico final do Noroeste alentejano, não apenas ao nível das modalidades de obtenção de recursos líticos, mas também das litologias do material utilizado.

No vale do Sado, como têm referido os investigadores que analisaram o talhe da pedra nos diferentes concheiros, as matérias-primas utilizadas, disponíveis nas imediações, ou a curtas distâncias dos sítios, pertencem sobretudo ao grupo dos xistos siliciosos, chertes e jaspes (Araújo, 1995-97 [1999], p. 109; Marchand, 2001, p. 62), segundo J. M. Arnaud, de má qualidade (1987).

No conjunto da Valada do Mato domina, de forma clara, o sílex de grão fino, e boa fractura concoidal que, como na Estremadura portuguesa, deve ter múltiplas origens, dada a grande heterogeneidade interna que o conjunto apresenta.

As jazidas de sílex mais próximas distam do sítio, em linha recta, cerca de 100 km, e se alguns pequenos nódulos podem provir de depósitos de terraço mais próximos, a presença no sítio de material com córtex rugoso indica que pelo menos parte desta matéria-prima teria sido obtida em jazidas primárias, que estão cartografadas na Estremadura portuguesa (Zilhão, 1997a, p. 133), na Serra da Arrábida, na Serra do Cercal e no Cabo de Sagres (Soares e Silva, 2003).

Ao nível das modalidades de aquisição de matérias-primas líticas, as diferentes estratégias detectadas parecem, assim, assumir um significado crono-cultural específico. Numa área determinante do sistema artefactual, os grupos mesolíticos parecem ter-se, sobretudo, adaptado aos condicionalismos locais. No Neolítico, as especificidades locais, e regionais, são socialmente superadas, em modalidades de aprovisionamento ainda não definidas, e as indústrias líticas podem depender de recursos que não estão disponíveis no território que imediatamente envolve o sítio ocupado.

QUADRO 50

Principais características das indústrias do talhe da pedra

	Matéria-prima	Métodos e Técnicas de talhe	Componente Geométrica: frequência e tipologia	Outras classes tipológicas
Mesolítico final	<ul style="list-style-type: none"> • Utilização sistemática de recursos locais • Baixo grau de selecção de matérias-primas 	<ul style="list-style-type: none"> • Método prismático • Percussão indirecta • Fragmentação de suportes pela técnica do micro-buril 	<ul style="list-style-type: none"> • Presença de Triângulos, Trapézios e Segmentos, com domínio dos últimos • Componente geométrica pode ultrapassar os 50% da utensilagem retocada 	<ul style="list-style-type: none"> • Sub-representação de utensilagem do fundo comum
Neolítico antigo	<ul style="list-style-type: none"> ▼ Utilização sistemática de recursos não locais ▼ Selecção de matérias-primas com grande aptidão para o talhe 	<ul style="list-style-type: none"> • Método prismático ▼ Método bipolar sobre bigorna • Percussão indirecta Pressão ▼ Tratamento térmico ▼ Fragmentação de suportes alongados por flexão 	<ul style="list-style-type: none"> • Presença de geométricos ▼ Presença quase exclusiva de segmentos ▼ Componente geométrica em torno dos 10%-20% da utensilagem retocada 	<ul style="list-style-type: none"> • Sub-representação de utensilagem do fundo comum ▼ Furadores ▼ Elementos de foice e peças com “lustre de cereal”
Valada do Mato	<ul style="list-style-type: none"> ▼ Utilização sistemática de recursos não locais ▼ Selecção de matérias-primas com grande aptidão para o talhe 	<ul style="list-style-type: none"> • Método prismático Método bipolar sobre bigorna • Percussão indirecta ▼ Pressão ▼ Tratamento térmico • Fragmentação de suportes pela técnica do micro-buril ▼ Fragmentação de suportes alongados por flexão 	<ul style="list-style-type: none"> • Presença de Triângulos, Trapézios e Segmentos com domínio dos últimos ▼ Componente geométrica em torno dos 20% da utensilagem retocada 	<ul style="list-style-type: none"> • Sub-representação de utensilagem do fundo comum ▼ Furadores ▼ Elementos de foice e peças com “lustre de cereal”

• características mesolíticas; ▼ características neolíticas

A distância em relação às áreas abastecedoras não deve ser a causa principal da acentuada lamelização da indústria lítica da Valada do Mato. Em outros sítios do Neolítico antigo, com maior disponibilidade de sílex, os produtos lamelares estão igualmente bem representados.

Outras características presentes na indústria da Valada do Mato remetem, para práticas associadas aos grupos neolíticos. O recurso ao método bipolar sobre bigorna, a utilização da pressão como técnica de talhe, a fractura por flexão dos suportes alongados, a presença de furadores, e de raras peças com “lustre de cereal”, o emprego do tratamento térmico, constituem alguns dos elementos próprios do talhe da pedra no Neolítico antigo (Carvalho, 1998a), que estão amplamente documentados no sítio.

Os seguintes pontos, como seja a frequência de núcleos explorados segundo o método prismático, e a orientação da debitagem para a produção de lamelas estandarizadas, a percussão indirecta, e a escassez de utensílios do fundo comum, não possuem valor diagnóstico particular, uma vez que estão documentados no Sul de Portugal, quer nas indústrias do Mesolítico final, quer nas indústrias do Neolítico antigo.

Ao contrário, a segmentação de produtos alongados, visando o fabrico de utensilagem geométrica, pela técnica do micro-buril é uma solução própria dos grupos mesolíticos, mesmo que se detectem, nestes contextos, importantes variações na rácio micro-buris/geométricos (Araújo, 1995-97 [1999], p. 147).

Em outras ocupações do Neolítico antigo, não têm sido recuperados micro-buris, mesmo quando o conjunto inclui geométricos (Quadro 51).

Apesar da dimensão, extraordinariamente reduzida, da amostra, a técnica do micro-buril não parece ter sido utilizada pelos grupos neolíticos, do actual território português, o que os

aproxima, tecnologicamente, de outras comunidades do Neolítico antigo do Mediterrâneo ocidental (Carvalho, 1998a, p. 94).

QUADRO 51

Sítios do Neolítico Antigo com componente geométrica

	Várzea e Vale do Lírio (1)	Gruta do Caldeirão (NA2) (2)	Gruta do Almonda (3)	Abrigo da Pena d'Água (Eb-base a Ea) (3)	Laranjal do Cabeço das Pias (3)	S. Pedro Canaferrim (4)	Valada do Mato	Salema (5)
Triângulos	+*	I**		I			6	
Trapézios	+*	I		I			26	+*
Segmentos	+*	2***	3	I-4-2	8	14	173	+*
Micro-buris	?	-	-	I	-	-	193	+*

* presentes, mas não quantificados | ** questiona-se a tipologia e a origem estratigráfica | *** questiona-se a origem estratigráfica.
(1) – Jorge, 1979; (2) – Zilhão, 1992; (3) – Carvalho, 1998a; (4) – Simões, 1999; (5) – Silva, 1989.

Na Valada do Mato, onde estão amplamente documentadas outras formas de segmentação de produtos alongados, o número de micro-buris recuperado indica que os geométricos foram sistematicamente produzidos a partir desta técnica, e pode afirmar-se a partir deste conjunto que a técnica do micro-buril, sendo um elemento diagnóstico destes, não é exclusivo dos contextos mesolíticos.

Dos 193 micro-buris existentes, 59 provêm de núcleos com tratamento térmico, que está também bem representado ao nível dos geométricos, onde incidiu sobre 23% das armaduras.

A aplicação combinada de técnicas provenientes de sistemas culturais distintos, sobre estas peças, é interpretada como uma consequência do processo histórico de efectiva miscigenação entre grupos mesolíticos e neolíticos.

A frequência dos diferentes tipos de geométricos é para, esta questão, um dado mais equívoco, ainda que possua um evidente significado diacrónico.

De acordo com a hipótese cronológica proposta por Marchand (2001, p. 107), a última fase do Mesolítico final, no Centro e Sul de Portugal, datada de 5600-5000 cal BC, apresentava como principais características tipológicas, a importância de segmentos e trapézios, e uma taxa baixa de triângulos, como está documentado nos espólios da Várzea da Mó, Cabeço do Rebolador, Fiais, Vidigal e Poças de S. Bento.

Poder-se-ia acrescentar, ao esquema proposto por Marchand, um derradeiro momento representado pela formação do concheiro das Amoreiras, ocupado a partir de 5000 cal BC, onde dominam os segmentos, e onde a cerâmica surge pontualmente.

A composição da utensilagem geométrica, na Valada do Mato, com 3% de triângulos, 13% de trapézios e 84% de segmentos aproxima-se do concheiro das Amoreiras, mas também da tendência detectada nos contextos do Neolítico antigo, onde os segmentos são maioritários, ou mesmo o único tipo de geométrico presente.

A origem cronológica e cultural deste tipo morfológico é ainda uma questão em aberto, e de acordo com os dados actualmente disponíveis, a presença, e domínio numérico, dos segmentos possui um significado cronológico, mas não cultural, uma vez que este tipo é, no actual território português, o mais frequente nos contextos, quer mesolíticos quer neolíticos, da segunda metade do VI, primeiro quartel do V milénio cal BC.

Os segmentos, dominantes nesta fase de contacto, estranhamente, tendem a desaparecer, ou tornar-se mais raros em contextos posteriores sejam estes domésticos ou funerários.

Nos monumentos megalíticos que se admitem mais antigos, e nos raros sítio habitacionais adscritos ao Neolítico médio, Comporta – fase II (Silva et al., 1986, p. 63), Costa do Pereiro (Carvalho, 1998b, p. 44), estão quase exclusivamente representadas as formas trapezoidais.

Em suma, a indústria do talhe da pedra na Valada do Mato apresenta características mistas que, em simultâneo, a aproximam das indústrias recolhidas nos contextos do Neolítico antigo da Estremadura portuguesa e das indústrias dos últimos caçadores-recolectores estabelecidos no vale do Sado ou na Costa Sudoeste, e que se considera o resultado de uma efectiva miscigenação de grupos, na origem, culturalmente diferenciados.

O importante número de micro-burris reflecte a integração de tecnologias mesolíticas no âmbito de uma indústria de talhe neolítica, como aliás parece também suceder no povoado, ainda mal conhecido, da Salema, na Costa Sudoeste.

Em outras áreas da cultura material não é perceptível o papel, ou o tipo de influência, desempenhado por tradições não neolíticas. Se os sistemas decorativos detectados nos materiais cerâmicos da Valada do Mato apresentam diferenças importantes face aos identificados em sítios contemporâneos da Estremadura portuguesa, nomeadamente em S. Pedro de Canaferrim (Simões, 1999), não é claro se essas diferenças se devem, sobretudo, a fenómenos de regionalização cultural e/ou a “renegociações de significado” em parte devidas à presença, e frequência, de múltiplos actores sociais nestes sítios.

Critérios cronológicos

Uma vez que os intervalos de tempo obtidos sobre esquirolas de osso carbonizado não se consideram fiáveis, dado o estado de conservação das amostras e das condicionantes associadas ao método de datação utilizado, dispõe-se, para o sítio, de um único intervalo de tempo que coloca a fase final de utilização da estrutura pétreo U.E. 5, nos finais do VI/primeiro quartel do V milénios cal BC (Quadro 52).

A duração desta ocupação não se encontra, ainda, determinada, e desconhece-se o seu momento exacto de arranque.

QUADRO 52

Valada do Mato – datação absoluta

Laboratório	Análise	Amostra	Prov. Estratigráfica	Resultado BP	Intercepções cal. BC	Calibração 1σ	Calibração 2σ
Beta-153914	AMS	Carvão	U.E. 7	6030±50	4920	4960-4830	5040-4790

Se, técnica e tipologicamente, os materiais líticos correspondem a este patamar cronométrico, a morfologia e os sistemas decorativos dos recipientes cerâmicos remetem também para este período cronológico.

A percentagem muito reduzida de cerâmica cardial, num conjunto em que os motivos decorativos foram maioritariamente obtidos pela técnica da impressão, mas onde a incisão está bem documentada são compatíveis com os dados disponíveis para outros contextos datados da transição do milénio.

Em S. Pedro de Canaferrim, num conjunto dominado pelas cerâmicas impressas estão igualmente bem representadas as cerâmicas incisas (Simões, 1999, p. 65), e no nível do Neolítico antigo evoluído do Abrigo da Pena d’Água, as impressas destacam-se (Carvalho, 1998b, p. 67), como acontece também no povoado das Salemas (Silva e Soares, 1981, p. 86).

Neste momento, não é possível, estabelecer uma análise cronológica mais precisa, uma vez que à pouca definição cronométrica dos intervalos de tempo se acresce a inexistência de seriações tipológicas finas baseadas na estilística cerâmica.

No entanto, deve ser destacada a ausência, no conjunto, de materiais associados às etapas finais do Neolítico antigo, nomeadamente das cerâmicas com sulco abaixo do bordo, o que parece confirmar que a data obtida a partir do carvão recolhido na U.E. 7 deve corresponder não apenas ao *terminus* da utilização desta estrutura, mas ao momento de abandono do sítio.

As cerâmicas com sulco abaixo do bordo foram, a partir dos dados provenientes do povoado da Salema e do topo do nível de ocupação em Vale Pincel I, utilizadas como um indicador artefactual de uma fase avançada do Neolítico antigo, não identificada cronometricamente, dada a ausência de datações absolutas para estes níveis, (Silva e Soares, 1987, p. 670).

No abrigo da Pena d'Água (Carvalho, 1998b), as cerâmicas com sulco abaixo do bordo provêm da transição entre as camadas Ea e Db datadas, respectivamente, de 5170±200 BP e de 5180±240 BP. Pese o grande desvio padrão que os intervalos apresentam, e o número reduzido de fragmentos recuperados, a posição estratigráfica destes materiais parece confirmar a sua inclusão numa etapa final do Neolítico antigo, em meados, ou finais, do V milénio cal BC.

A confirmar-se este quadro crono-tipológico, confirmava-se também que a ocupação da Valada do Mato não se teria estendido para além do primeiro quartel do V milénio cal BC.

Apesar da ausência de outros indicadores cronométricos, admite-se, perante a dimensão do conjunto artefactual e as características das estruturas identificadas, que o sítio terá objecto de uma ocupação relativamente longa. Os dados provenientes de habitats onde foi possível definir, com maior precisão, os limites cronológicos da sua utilização, como em La Draga (Bosch et al., 2000), têm demonstrado que alguns povoados permanentes do Mediterrâneo ocidental foram ocupados ao longo de amplos intervalos de tempo, superiores a um século.

Critérios espaciais

Os dados estratigráficos, artefactuais e cronológicos apontam, assim, para uma única fase de ocupação culturalmente coerente, e outros argumentos que podiam ser invocados, a favor de uma miscigenação antropológica e não arqueográfica, consideram-se secundários, uma vez que não é, ainda, claro se a ausência das provas corresponde, neste domínio, a uma real prova das ausências.

O sítio da Valada do Mato implanta-se num território amplo, e vagamente definido como o “Interior/Sul”, para o qual não se conhecem, até à data, vestígios de ocupações mesolíticas.

De acordo com os modelos construídos nos últimos anos, o povoamento mesolítico parece traduzir um padrão de implantação recorrente onde, como tem sido sistematicamente referido, os recursos aquáticos desempenharam um papel central.

A florestação dos territórios iniciada no Holoceno, a riqueza em biomassa dos ecossistemas com uma componente aquática, e o papel de alguns recursos aí existentes que possibilitam elevados índices de sedentarização, pode justificar a desertificação dos territórios de interior, a partir de 10 000 BP (Araújo, 2003a).

Perante este panorama, o critério de implantação que subjaz a uma ocupação como a detectada na Valada do Mato implica uma ruptura com os padrões dominantes ao longo do Mesolítico, no Sul de Portugal (Diniz, 2000b).

Parece, neste momento, pacífico afirmar que a reocupação do interior do espaço ibérico é um fenómeno neolítico, que antecede as primeiras manifestações do megalitismo funerário, uma vez que não existem ainda claros indicadores acerca de um povoamento imediatamente anterior.

O desenvolvimento de distintos projectos de investigação ao nível peninsular, que sistematicamente prospectaram algumas áreas distantes da costa e dos grandes estuários, não forneceu resultados que permitissem alterar definitivamente a imagem acerca da distribuição

do povoamento mesolítico (Estremera Portela, 1999; Kunst e Rojo, 1999; Carvalho, 2003b). No entanto, se em alguns territórios parecem acumular-se indicações acerca de uma efectiva “prova da ausência”, dados recentes permitem, em parte, corrigir o quadro apresentado.

No interior alentejano, o sítio da Barca do Xarez, datado de 8640±50 BP (Almeida et al., 1999, p. 36-37), demonstra que, pelo menos no Epipaleolítico, a região era explorada por grupos de caçadores-recolectores.

E, no sítio do Xarez 12, que possui um geometrismo de feição trapezoidal (Gonçalves, 1999, p. 40), podem estar conservados testemunhos de uma ocupação holocénica anterior ao Neolítico (Gonçalves, 2000, 2002a, 2002b, 2003a).

Se, ao longo do Mesolítico, as condições ecológicas próprias da floresta mediterrânea não atraíram um povoamento continuado e de malha densa, a recolha de uma plaqueta de xisto na Moita do Sebastião proveniente, segundo J. Roche (1960, p. 51), da região de Montemor-o-Novo, indica a existência de incursões pontuais sobre esses territórios.

No vale do Tejo, admite-se que parte das gravuras do núcleo de Vila Velha de Rodão possam ter sido executadas por populações de caçadores-recolectores do pós-glaciar, ou por grupos do Neolítico antigo estabelecidos na região (Baptista, 1981, p. 44).

A Norte, os dados e as datas do sítio do Prazo (Monteiro-Rodrigues, 2002, p. 114), parecem reflectir a existência de um Epipaleolítico-Mesolítico interior apontando, portanto, para a existência, na região, de um substracto populacional prévio, sobre o qual incidiria o processo de neolitização.

Ainda que pontuais, estas evidências parecem demonstrar que a desertificação, se em alguns territórios pode corresponder a um real evento histórico, pode também ser um resultado das contingências próprias do registo arqueográfico e se, neste momento, a presença de grupos neolíticos na Valada do Mato parece corresponder a uma efectiva colonização de territórios desocupados, é de admitir que venham a ser recuperados, na região, vestígios, mesmo que esparsos, de um povoamento anterior.

8.3.2. O sítio da Valada do Mato: tipologia funcional da ocupação

A ocupação da Valada do Mato pode ser integrada numa tipologia de sítios do Neolítico antigo ainda insuficientemente documentada no actual território português, a dos povoados permanentes.

Com excepção da polémica estação de Vale Pincel I, do habitat da Salema e do sítio da Cabranosa, todos os outros contextos recentemente escavados, ao ar livre, em gruta ou abrigo, têm sido interpretados pelos seus investigadores, como representando estabelecimentos temporários de carácter logístico, integrados em redes de povoamento de que não se conhecem os lugares centrais.

Neste ponto, os dados do registo não coincidem, e parecem mesmo inverter, as expectativas teóricas. No actual território português, a crescente sedentarização detectada ao longo do Mesolítico contrasta com o elevado ritmo de mobilidade residencial que caracteriza os grupos do Neolítico antigo.

A ausência de povoados permanentes, sobretudo ao ar livre, parecia um denominador comum às primeiras comunidades neolíticas do Mediterrâneo ocidental, que teriam em esquemas de grande mobilidade habitacional utilizado fundamentalmente grutas e abrigos como lugares residenciais. As actividades de caça/pastorícia ocupariam um lugar central ao nível das estratégias de subsistência destes grupos, e a vida aldeã seria, no Ocidente, um fenómeno tardio.

Ainda nos inícios dos anos 80, apenas podia ser colocada como hipótese a existência de sítios de base, ao ar livre, vocacionados para a prática da agricultura, sítios que, no entanto, não estavam arqueologicamente documentados.

As condições específicas de recolha dos materiais, sem contexto, em Leucate-Correge (Guilaine et al., 1984), e a ausência de restos orgânicos em Vale Pincel I, e na Salema não permitiam uma resposta cabal a esta questão.

Se em Leucate-Correge, o número de fragmentos cerâmicos recuperados apontava para uma permanência continuada no sítio (Guilaine et al., 1984, p. 256), em Vale Pincel I foi precisamente a escassez deste tipo de material que fez admitir estadias pouco prolongadas no local (Silva, 1989, p. 28).

Nos últimos anos, o panorama alterou-se de forma substantiva, e o retomar das escavações no sítio provençal de Baratin, Courthézon (Sénépart, 2000), na Península Ibérica, a publicação das escavações realizadas nos povoados de Plansallosa (Bosch et al., 1998), e de La Draga (Bosch et al., 2000), demonstrou que o estabelecimento em habitats permanentes integrava também os sistemas de povoamento dos primeiros grupos produtores no Mediterrâneo ocidental.

Estes povoados apresentam, no entanto, uma considerável diversidade entre si, para a qual contribuem quer factores de ordem cronológica, ecológica/ambiental, quer factores de ordem social relacionados com a origem cultural dos grupos aí estacionados.

No Mediterrâneo ocidental, não parece existir um modelo único de povoado permanente, ao nível dos critérios de implantação, do tipo de estruturas construídas ou da organização interna do espaço de habitat, o que torna menos imediata a interpretação de uma ocupação como sítio de base.

No caso da Valada do Mato, a estabilidade residencial, no sítio, foi deduzida a partir de um conjunto de elementos, quantitativos e qualitativos, que lidos de forma combinada permitem esta classificação.

Um dos critérios utilizados para definir, a partir dos dados da cultura material, a natureza, residencial ou logística, de uma ocupação tem sido o da densidade artefactual. Considera-se, por norma, que um habitat ocupado de forma permanente deve apresentar uma rácio entre o volume de sedimento escavado e o número de peças recuperadas superior ao de um acampamento temporário.

Esta relação tem, sobretudo, um carácter descritivo, uma vez que uma leitura exclusivamente quantitativa, e acrítica na sua formulação, deve ser corrigida tendo em conta a diversidade tipológica, e os processos pós-deposicionais que incidiram sobre o material recuperado.

QUADRO 53

Sítios de habitat mesolítico e neolíticos – número de artefactos líticos por m³ de sedimento

Poças de S. Bento (1)	Samouqueira I (2)	Vale Pincel I (1)	Laranjal Cabeço das Pias (1)	S. Pedro Canaferrim (3)	Valada do Mato
470/m ³	400/m ³	8,5/m ³	520/m ³	104/0,25 m ³	139/m ³

(1) – Zilhão, 1998; (2) – Soares, 1995; (3) – Simões, 1999

Apesar do elevado valor registado, o Laranjal do Cabeço das Pias não corresponde a um povoado permanente, mas a um sítio logístico (Carvalho e Zilhão, 1994), e as condições específicas de deposição do material de S. Pedro de Canaferrim, recolhido no interior de uma estrutura negativa, em parte, justificam a concentração artefactual aí registada (Quadro 53).

A densidade artefactual registada na Valada do Mato distancia-se da verificada nos sítios de base mesolíticos, mas ultrapassa de forma nítida a registada num sítio temporário como Vale Pincel I.

Na determinação da modalidade de ocupação de um sítio, mais significativo que o número de peças, é a presença/ausência, e frequência relativa, das diferentes classes de artefactos. De um povoado permanente pode sobreviver um número maior, ou menor, de artefactos dependendo dos fenómenos erosivos que afectaram o sítio, mas a amostra conservada deve de, alguma forma, reflectir as propriedades do conjunto original, e a diversidade de actividades desenroladas no habitat.

O sítio da Valada do Mato apresenta um conjunto importante de evidências, quer no campo das estruturas quer ao nível da cultura material, que constituem indicadores fiáveis de uma ocupação continuada neste local.

Estruturas

A atribuição de funcionalidades específicas às estruturas identificadas no decorrer da escavação passa, e na ausência de um conteúdo suficientemente explícito, pela identificação de paralelos que permitam uma aproximação ao papel desempenhado por estas realidades no espaço habitacional.

Iniciou-se a busca de paralelos com o levantamento dos dados provenientes de contextos cronológica e culturalmente afins ao registado na Valada do Mato, e de áreas geográficas próximas. No entanto, a escassez da informação disponível obrigou, em alguns casos, a alargar o campo de análise a outras áreas peninsulares e a ocupações que se atribuem a momentos mais tardios da diacronia neolítica.

Até ao momento, não existem, para o território português, dados consistentes acerca da organização interna das áreas de habitat ocupadas durante as primeiras etapas do Neolítico. Ao contrário de alguns elementos móveis da cultura material manipulados por estes grupos, as estruturas que construíram permanecem, em grande medida, mal conhecidas.

Após a escavação, na Costa Sudoeste, dos primeiros povoados de ar livre com estruturas preservadas, J. Soares e C. Tavares da Silva admitiam que “As habitações seriam feitas de materiais perecíveis: à semelhança de Vale Pincel I também na Salema não surgem nem grandes pedras que pudessem ter feito parte de muros, nem sequer fragmentos de barro cozido (...)” (Soares e Silva, 1979, p. 20).

A exiguidade da informação disponível, mesmo à escala peninsular, é de tal forma notória que, nos inícios da década de 90, Martí Oliver e Juan-Cabanilles, caracterizando os sítios de habitat da área valenciana, portanto do “núcleo duro” do Neolítico antigo peninsular, puderam escrever que “Il n’y a aucune documentation sur les structures d’habitat des sites de plein air” (1998, p. 833).

Tal facto deve-se, em primeiro lugar, à relativa raridade de escavações em contextos habitacionais, particularmente ao ar livre, e à acção dos processos pós-deposicionais que incidindo sobre estruturas positivas podem dar origem a realidades onde apenas são visíveis blocos de pedra dispersos de forma, mais ou menos, aleatória.

Essa imagem muito pouco organizada é visível nas plantas da U.E. 2/3 da Valada do Mato, e na planta do nível de abandono do sector A, do povoado de La Draga (Fig. 86).

Em outros sítios arqueológicos, a ausência ou raridade de componentes de construção, como sejam blocos de pedra ou cerâmica de revestimento, e a presença esporádica de buracos de poste, por vezes nas imediações de grandes afloramentos, tem conduzido os autores a considerarem as estruturas de abrigo como frágeis, construídas com materiais perecíveis e, portanto dificilmente detectáveis no registo arqueológico.

Estas estruturas, ou mais exactamente, a sua ausência coadunava-se com o carácter temporário que se admite para a maior parte dos sítios de habitat já escavados.

Aparentemente, ao longo do Neolítico antigo, a listagem das estruturas identificadas em contextos habitacionais parece resumir-se a estruturas simples, muitas vezes negativas e que se agrupam em seis categorias principais; estruturas de combustão, fornos, fossas/silos, buracos de poste, “fundos de cabana”, e empedrados.

Estas designações parecem, em alguns casos, acarretar uma classificação funcional que nem sempre pôde ser definida. Resultados provenientes de escavações realizadas nos últimos anos, em diferentes pontos da Península, têm permitido complexificar este cenário, pondo a descoberto estruturas pétreas cuja funcionalidade não está, ainda, esclarecida.

No sítio da Valada do Mato foram identificadas, e parcial ou integralmente escavadas, numa área relativamente restrita de cerca de 25 m², quatro estruturas distintas, o que parece apontar para uma efectiva concentração espacial de diferentes actividades domésticas, e para uma gestão do espaço habitacional distinta da registada nos habitats da Costa Sudoeste, onde a ocupação de áreas amplas se parece realizar de forma esparsa e, mais ou menos, descontínua (Silva e Soares, 1987, p. 666).

A concentração de diferentes estruturas registada no sítio da Valada do Mato poderá em parte ser explicada pela morfologia das pequenas plataformas utilizadas para habitação, que terminando a S e SE de forma quase abrupta limitam a extensão da ocupação.

Estão conservadas neste sector do povoado, e de acordo com as interpretações atrás propostas, uma estrutura de combustão (U.E. 5), um pequeno empedrado (U.E. 12), a base de uma estrutura habitacional tipo “cabana” (U.E. 16), e uma fossa aberta no granito de base (U.E. 18).

A confirmar-se esta leitura estaríamos aqui em “pleno povoado”, e a diversidade das estruturas detectadas será um reflexo evidente da diversidade de actividades que se desenvolveram no espaço doméstico.

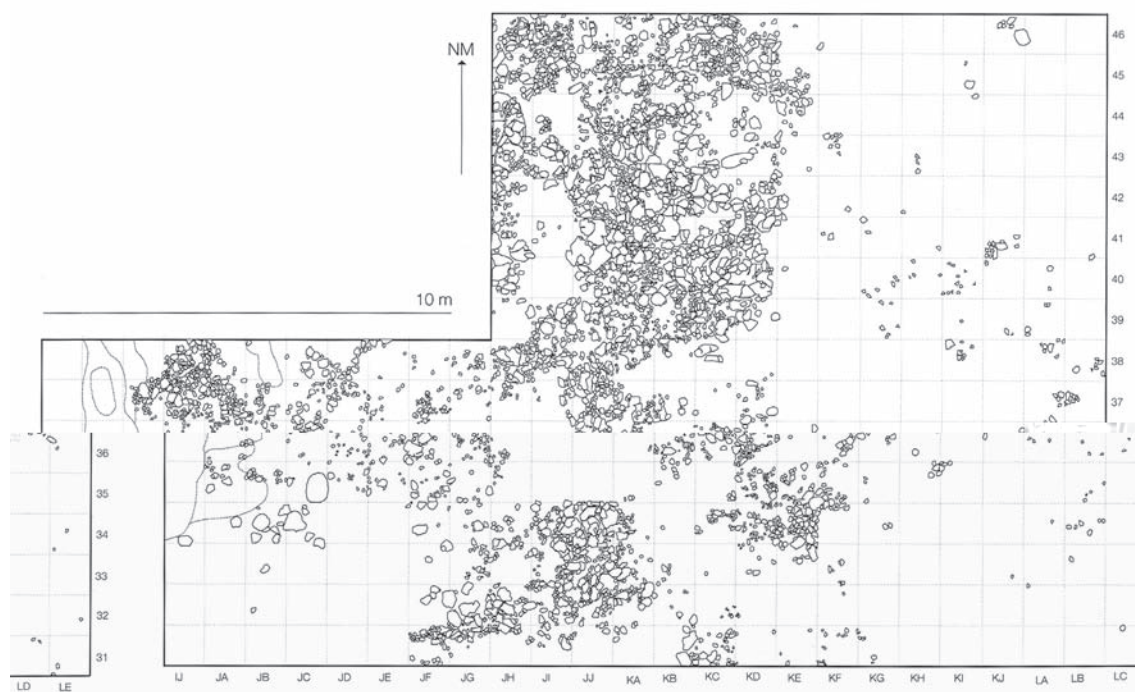


FIG. 86 - Planta do nível de abandono do sector A do povoado de La Draga (Bosch et al., 2000, p. 121).

No entanto, se a algumas das estruturas identificadas pode atribuir-se, de forma menos problemática, uma função, outras, até pela ausência de paralelos imediatos, levantam maiores questões acerca da sua classificação.

A U.E. 18, parece, no quadro geral, a estrutura de mais imediata interpretação. Como já foi dito, trata-se de uma fossa aberta no granito de base, portanto de uma estrutura negativa, tipo muito frequente em outros contextos do Neolítico antigo. Não é clara a origem, natural ou antrópica, desta depressão da rocha de base que numa das suas faces se encontrava, solidamente, revestida por blocos de pedra de distintas dimensões.

Esta cuidadosa preparação de uma estrutura negativa, que se encontra espacialmente associada a uma outra que se interpreta como estrutura habitacional, permite interpretá-la como uma fossa de armazenagem contígua a um espaço doméstico, ainda que não tenha sido possível determinar o seu conteúdo primário.

A tratar-se de um espaço de lixeira justifica-se menos a preparação da parede da fossa, a relativa raridade de esquirolas de osso, e a quase total ausência, no seu interior, de material arqueológico que, naturalmente, acompanharia os restos domésticos.

Por outro lado, os valores de fósforo, como se demonstrou no ponto 4.4, são relativamente baixos, ao invés do que tende a verificar-se em espaços onde se acumulam resíduos orgânicos. No povoado da Plansallosa (Bosch et al., 1998, p. 20-21) onde foram realizadas análises químicas sobre sedimentos, detectaram-se valores de fósforo muito elevados no interior das fossas periféricas, que acumulavam resíduos artefactuais e orgânicos gerados durante a ocupação do sítio.

Ao contrário de algumas das fossas escavadas em S. Pedro de Canaferrim (Simões, 2003), que se encontravam, pelo menos em parte, colmatadas por um pacote sedimentar que incluía abundantes materiais arqueológicos, não conectados com a funcionalidade original destes espaços, a estrutura negativa identificada na Valada do Mato encontrava-se preenchida por um sedimento de onde os artefactos, ou ecofactos macroscópicos, estavam praticamente ausentes.

Esta situação é idêntica à verificada no sítio do Prazo, onde a estrutura negativa associada à camada neolítica, coberta por uma carapaça lítica, não apresentava no seu interior quaisquer restos orgânicos ou artefactuais (Monteiro-Rodrigues, 2000, p. 155), e à detectada em Los Baruecos (Cerrillo Cuenca et al., 2002, p. 104), onde também uma cobertura pétreia cobria uma fossa preenchida por um sedimento escuro, e sem materiais arqueológicos.

Se a estrutura negativa da Valada do Mato se encontrava, aquando do seu abandono, coberta por algumas das grandes lajes sub-rectangulares que se identificaram durante a escavação da U.E. 2/3 nos quadrados 188.189/402 não é, neste momento, claro. No entanto, o resultado das análises químicas aponta para a existência no interior desta estrutura de uma realidade que não ficou exposta após a sua deposição.

A ter funcionado efectivamente como um silo, esta estrutura constituiu um indicador de uma relativa continuidade e estabilidade do povoamento, associada a práticas de armazenamento, ainda que a natureza dos produtos conservados não esteja definida.

A fossa escavada na Valada do Mato encontrava-se associada a uma outra estrutura (U.E. 16), de que se conserva a sua base em pedra, e que se classifica, ainda que sob reserva, como uma estrutura de tipo residencial.

Em contextos neolíticos têm sido registados “fundos de cabana” que são, por norma, descritos como estruturas negativas, de planta circular ou ovalada, escavadas na rocha de base, e preenchidas, ou assinaladas, por concentrações bem delimitadas de terras negras, e pequenos blocos de pedra. A dimensão, e profundidade, destas estruturas são muito variáveis, e em alguns casos têm sido registados, na sua periferia, buracos de poste.

Tem sido, recentemente, discutida a interpretação como “fundos de cabana” deste tipo de realidades, que podem, antes, ter funcionado como pavimentos para assar alimentos (Sénépart, 2000).

A estrutura de tipo residencial da Valada do Mato não se integra neste grupo. Trata-se de uma estrutura positiva, estando conservado não apenas o fundo, constituído por terra, mas a base de um “muro de cabana”, construído com blocos de granito de distintas dimensões e que assentam na rocha de base ou no areão estéril. O espaço interno delimitado por este anel de pedra encontrava-se praticamente desprovido de blocos pétreos e, até ao momento, não foram identificados quaisquer buracos de poste que sustentassem uma eventual cobertura desta estrutura.

Ainda que pouco frequentes, e questões de ordem tafonómica podem justificar a ausência de estruturas positivas e a exclusiva conservação das realidades negativas escavadas no substrato geológico, estão registados, num outro habitat neolítico, do Sul de Portugal, muros ou muretes que devem ter pertencido a cabanas ou abrigos.

Nas escavações realizadas, em 1986, em Vale Pincel I, foram identificados “ (...) grandes fiadas, em arco, de calhaus e blocos talvez correspondentes a cabanas ou abrigos cuja superestrutura seria formada por materiais perecíveis de origem vegetal cobertos por barro. Com efeito, no espaço definido internamente por um destes arcos de blocos, surgiram abundantes nódulos de barro cozido por vezes com negativos de ramagens” (Silva, 1989, p. 28).

Não se conhecem outros dados relativos a estruturas desta natureza para o território português, no entanto a presença de estruturas positivas está documentada em outros sítios peninsulares dos finais do VI/inícios do V milénio cal BC, em contextos, que tal como a Valada do Mato, se integram culturalmente na corrente das cerâmicas impressas do Mediterrâneo ocidental.

Na vertente oriental da fachada mediterrânea e sobretudo na Catalunha, numa evidente consequência do investimento realizado, ao longo dos anos 90, em escavações de sítios ao ar livre, têm sido postas a descoberto estruturas habitacionais onde a pedra é empregue como material de construção.

Em Lèdua, Alicante, foram encontrados “ (...) fonds de cabane delimités par des groupes de pierres et des fragments de boue qui semblent avoir fait partie des murs d’un type de maison.” (Martí Oliver e Juan-Cabanilles, 1998, p. 836), e na Catalunha, “En relation avec l’organisation de l’habitat, les éléments les plus représentatifs des sites fouillés sont les structures circulaire ou ovales construites directement sur le sol, formées par un socle en pierre, comme par exemple aux sites de Barranc de Fabra (...) ou de Plansallosa (...). Ces structures sont très semblables à celles décrites dans les sites du Néolithique ancien d’autres régions de la Péninsule Ibérique, par exemple a Riols (...) ou du Sud de la France, como à Baratin de Courthézon (...). Il s’agit de constructions de dimensions réduites, de moins de 10 m², ne présentant aucune division de l’espace intérieur et de structures auxiliaires qui leur sont liées (foyers, fosses) et qui se trouvent à l’extérieur” (Bosch et al., 1999, p. 198).

Nenhuma das estruturas identificadas na Valada do Mato é em absoluto paralelizável com as escavadas no povoado da Plansallosa ou de Barranc de Fabra, no entanto em ambos os sítios está presente a mesma estratégia construtiva que consiste na sistemática utilização de pedra seca, assente no solo ou colocada sobre a rocha (Fig. 87).

O emprego da pedra como material de construção deve depender quer da funcionalidade do sítio, quer da existência e disponibilidade desta, ou de outras matérias-primas.

No povoado de La Draga (Bosch et al., 2000), a utilização da pedra parece reservada às estruturas de combustão, e à pavimentação de áreas de armazenagem, enquanto que as estruturas residenciais, ainda não completamente definidas, terão sido construídas em madeira.

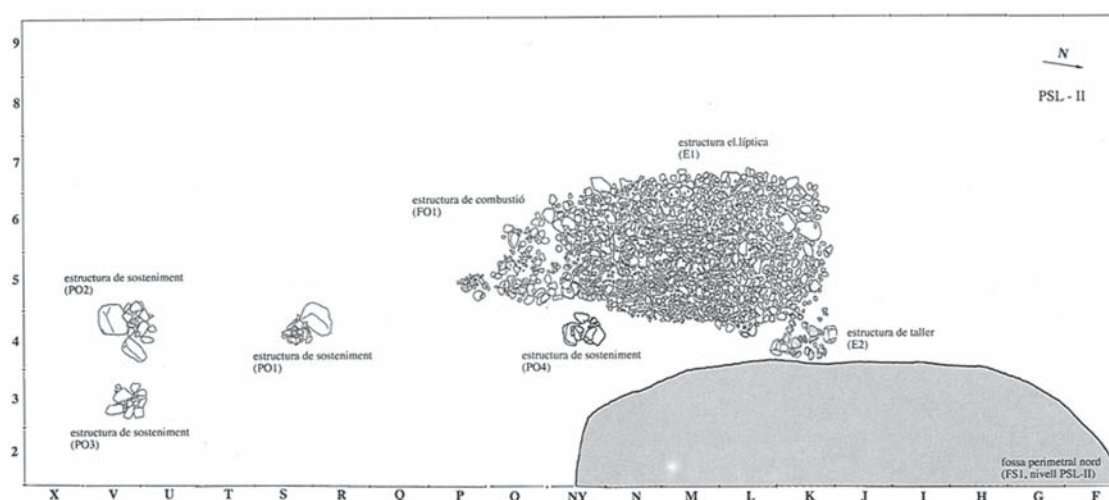
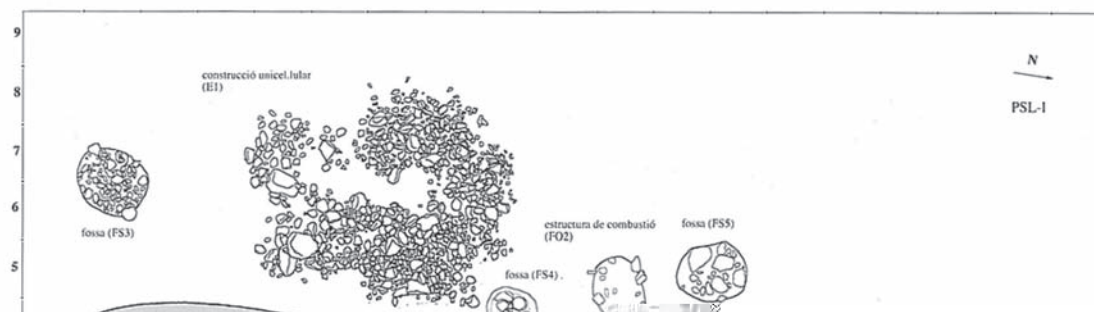


FIG. 87 - A - Planta de Plansallosa - I, com representação da estrutura unicelular; B - Planta de Plansallosa - II, com representação da estrutura elíptica (Bosch et al., 1998, p. 25-26).

Estes dados permitem afirmar que, e ainda que se disponha apenas de um conhecimento muito segmentado, encontramos na área peninsular uma evidente multiplicidade de estruturas de tipo residencial construídas em espaços habitacionais. Esta diversidade não parece corresponder a diferenciações cronológicas, mas a distintas funcionalidades e durações dos sítios de habitat e à exploração dos materiais disponíveis em diferentes ambientes ecológicos e geológicos.

Estas “cabanas” de reduzidas dimensões devem representar abrigos uni-familiares, sendo substancialmente menores do que as detectadas em contextos mesolíticos do Sul de Portugal, com diâmetros de 7 e 8 m (Soares, 1995, p. 36), e parecem destinadas, sobretudo, a funcionar como áreas de repouso.

Na estrutura “tipo cabana” (U.E. 16), escavada na Valada do Mato, a escassez e o mau estado de conservação de artefactos e ecofactos não permitiu definir qualquer área de actividade, no seu interior, e não se possuem dados acerca do seu tipo de cobertura.

Nos sítios do Neolítico antigo não têm sido recuperados, como acontece com frequência em contextos calcolíticos, grandes fragmentos de cerâmica de revestimento que conservam ainda o negativo das ramagens que cobriram. Na Valada do Mato foram recolhidos escassos, e pequenos, nódulos de argila cozida em pontos dispersos da área escavada. Alguns destes

nódulos apresentam uma das superfícies grosseiramente regularizada, e por vezes com estrias paralelas, mas sem nenhuma impressão de troncos.

A escassez deste material, e a ausência de uma concentração espacial significativa dificulta a interpretação da sua função inicial. A sua raridade torna menos plausível o emprego da argila ao nível das coberturas que no, entanto podia ter sido utilizada na criação de pequenos pisos ou no revestimento de estruturas pétreas.

Uma outra estrutura identificada na Valada do Mato consiste num pequeno empedrado ou lajeado (U.E. 12), que constitui um dos tipos de estrutura que com maior frequência se regista nos sítios da primeira fase do Neolítico. Estes empedrados possuem uma, ou múltiplas, funções que ainda não estão, objectivamente, determinadas.

O empedrado detectado na Valada do Mato parece integrar o grupo dos pequenos empedrados que foram identificados nos habitats neolíticos da Costa Sudoeste, nomeadamente na Salema, em Vale Vistoso e em Montum de Baixo (Silva e Soares, 1981), ou nos recentemente escavados sítio do Xarez 12 e da Fonte dos Sapateiros (Gonçalves, 2002a, 2003a).

Tal como estes, o empedrado da Valada do Mato cobre uma área grosseiramente circular, com cerca de 90 cm de diâmetro, mas ao contrário das estruturas escavadas nos sítios do litoral alentejano, as lajes que a compunham não apresentavam estalamentos por acção do calor, não sendo portanto evidente se também esta funcionaria como uma pequena área para “assar” (Silva e Soares, 1987, p. 668).

A ausência de elementos artefactuais significativos associados a este empedrado não permite avanços na determinação da sua funcionalidade. Espaço para secar, pavimento associado a uma área de trabalho não é, ainda, clara a sua função. A funcionalidade deste tipo de estruturas parece estar bem demonstrada no pavimento escavado no concheiro mesolítico do Vidigal (Strauss et al., 1990, p. 470), onde, numa área de cerca de 2 m², se encontraram, para além de calhaus calcinados e rubefactos por acção do fogo, restos faunísticos.

Até ao momento, não foram ainda identificados nos contextos neolíticos do extremo Ocidente peninsular os extensos empedrados que caracterizam outros habitats do Neolítico antigo do Mediterrâneo ocidental.

Na área escavada na Valada do Mato foi, ainda, identificada uma outra estrutura pétreia (U.E. 5), a partir da qual se produziram distintas leituras acerca da funcionalidade deste sector do povoado. A abundância de blocos de granito na área intervencionada oferecia uma imagem significativamente distinta daquela que estava associada aos contextos habitacionais desta etapa cultural. Admitiu-se que estes blocos podiam ter tido origem em estruturas que, no momento da escavação, estariam já parcial ou totalmente arrasadas, mas que traduziam um investimento no sítio muito superior ao registado nos contextos contemporâneos, conhecidos no Sul de Portugal.

A escavação de U.E. 5 parecia confirmar este quadro. Ainda que a dimensão desta estrutura circular, com aproximadamente 2 m de diâmetro, a aproximasse de outras estruturas já escavadas em contextos neolíticos, não se encontravam paralelos, atendendo à matéria-prima empregue, à dimensão dos blocos utilizados e à própria técnica construtiva.

A total ausência nesta estrutura de termoclastos de quartzito, quer ao nível da cobertura que poderia estar parcialmente desmantelada, mas também no seu interior que se encontrava selado, a ausência de traços de fogo ou de calor nos blocos que a encerravam, e o carácter positivo desta cobertura, distanciavam-na das estruturas de combustão identificadas em território nacional.

A dimensão de alguns dos blocos de granito que a integravam, e o facto de apenas no seu anel periférico se encontrarem alguns destes fragmentados *in situ* não aconselhava a classificar, numa primeira fase, esta estrutura enquanto espaço de combustão/lareira.

Os paralelos mais próximos pareciam provir de uma estrutura unicelular escavada no povoado neolítico de Plansallosa, onde, no entanto, não foi possível determinar a funcionalidade deste espaço.

A semelhança não se registava ao nível da planta da estrutura, mas ao nível do aparelho e da técnica construtiva. Também na Plansallosa tinham sido utilizados grande número de blocos pétreos na construção de estruturas positivas.

No entanto, na Valada do Mato tornava-se evidente que esta sólida carapaça lítica cobria alguma realidade que, inicialmente, se admitia ser de tipo sepulcral. A possibilidade de nos encontrarmos perante um pequeno montículo pétreo que assinalava uma sepultura foi por isso colocada.

A existência de tumulações intra-habitacionais em contextos do Neolítico antigo não parecendo uma prática recorrente está, no entanto atestada em algumas ocupações quer ao ar livre, quer em gruta.

No povoada das Salemas, Ponte de Lousa, foram recolhidas ossadas humanas entre o lapiás, e na Cova de Cendres a gruta foi utilizada como habitat, mas também como necrópole. No sítio de Vale Pincel I, segundo Carlos Tavares da Silva (inf. oral), existiriam pequenos montículos de pedra que cobriam manchas de sedimento escuro e que poderiam ter correspondido a espaços de inumação.

Ainda que pertencendo a uma etapa mais tardia e não estando associadas a vestígios de carácter habitacional, algumas estruturas escavadas na necrópole de Camp del Ginébre apresentavam aparentes afinidades com a identificada na Valada do Mato. Nesta necrópole dos Pirinéus haviam sido escavadas “ (...) des structures rondes ou sub-ovales, d’environ 1,50 m de diamètre, cerclées par des pierres jointives parfois de forte taille (jusqu’à 0,45 x 0,30 m), plantées de chant; elles recélaient des incinérations; une chape de cailloux en recouvrait les dépôts. Il existait aussi des cuvettes contenant des ossements calcinés.” (Guilaine, 1996, p. 134).

Na Valada do Mato, a escavação desta estrutura revelou que, para além de uma combustão final de que ainda se conservavam carvões, o espaço interior estava preenchido por terras negras e por alguns calhaus com superfícies enegrecidas. Era notória a ausência de artefactos ou ecofactos. Tratava-se, portanto de uma estrutura em cujo interior se tinham realizado combustões e que foi, em determinado momento, encerrada.

O pequeno divertículo existente no ângulo NW deste espaço estava preenchido por um sedimento de cor mais clara de onde provem, de entre os escassos restos ósseos recuperados, um pequeno fragmento de calote craniana, possivelmente, humana.

A partir desta classificação admitiu-se a hipótese de esta estrutura de combustão, a não ter sido utilizada como espaço de incineração, ter conservado restos humanos que podiam ter funcionado como “reliquias”.

No entanto, atendendo à diminuta dimensão do fragmento ósseo conservado, ao facto de, até ao momento, não ter sido possível atribuir à espécie humana nenhuma outra esquirola óssea, e à, rara, mas registada, existência de restos antropológicos em contextos não funerários de sítios de habitat, opta-se por definir U.E. 5, apenas, como um espaço de combustão, que tipologicamente não se enquadra nos tipos de lareiras escavadas, até ao momento, no território português.

Numa leitura de conjunto pode afirmar-se que no corte escavado no sítio da Valada do Mato foi identificada uma estrutura de tipo habitacional (?), associada a uma área de armazenamento, e nas imediações um pequeno empedrado, e uma estrutura de combustão.

Estariamos, portanto, perante um sector de um núcleo de habitação onde se teriam processado distintas actividades próprias de espaços domésticos de continuada ocupação.

A sistemática utilização da pedra na realização destas estruturas, e assumindo que outros materiais não se conservaram, se por um lado se justifica pela abundância deste material num local onde o granito aflora, e que em outros ambientes geológicos pode ser menos frequente, reflecte também um voluntário investimento na realização de estruturas duradoiras.

A estas estruturas associava-se um solo antrópico onde se detectaram valores muito elevados de fósforo, que se destacam de forma evidente dos solos não antropizados que rodeiam o sítio, mas também das unidades depositadas após o *terminus* da ocupação humana, e que confirmam a intensidade da ocupação que é compatível com o tipo de estruturas identificadas.

Cultura material

Os dados da cultura material confirmam a interpretação avançada, e se a dimensão do conjunto, com mais de 9000 fragmentos cerâmicos, e mais de 5500 registos de pedra lascada, é um indicador secundário, uma vez que a repetida utilização de um mesmo sítio, em episódios de curta duração e funcionalmente especializados, podia criar séries numerosas, a diversidade tipológica do material recuperado cobre o leque de actividades dominadas pelos grupos do Neolítico antigo no Ocidente peninsular.

Ao contrário de outros sítios, onde se observa um desequilíbrio importante entre o número de artefactos líticos e o número de fragmentos cerâmicos, na Valada do Mato ainda que estes últimos sejam dominantes, ambos os grupos estão bem representados.

No conjunto artefactual da Valada do Mato estão presentes elementos que indicam que o sítio funcionou como lugar de produção, utilização, e abandono dos diferentes componentes da cultura material, aí recuperados.

Neste lugar de ocupação permanente foram fundamentalmente explorados recursos locais, quer ao nível das argilas utilizadas na produção de recipientes, quer ao nível das rochas duras destinadas ao fabrico do instrumental polido, afeiçoado, ou de adorno.

Estes materiais estão disponíveis a curtas distâncias do sítio, e o desenvolvimento de análises petrológicas poderá precisar as áreas específicas de abastecimento.

Esta estratégia de obtenção de recursos incluía, no entanto, uma importante componente não local, e, seguramente, não regional. A indústria da pedra lascada realizada sobre sílex, e sobre chert de grão fino, dependeu ou de movimentações de carácter logístico ou da inserção do grupo em redes de troca, de média ou longa distância.

Como foi atrás referido, a ausência, na região, de matérias-primas fundamentais à reprodução do sistema cultural não afectou a estabilidade habitacional, uma vez que terão sido criados mecanismos sociais que permitiram ultrapassar os condicionalismos impostos pela geologia local.

O sítio inclui, no campo do material lítico talhado, uma importante componente oficial.

De todas as etapas da cadeia operatória, apenas a fase da descorticagem parece sub-representada, o que faz supor que a estratégia de circulação do sílex se fizesse em modalidades semelhantes às detectadas no Magdalenense estremenho (Zilhão, 1997, p. 273), através da circulação de núcleos já total, ou parcialmente, descorticados.

A preparação e avaliação do grau de aptidão para o talhe, junto às fontes de matéria-prima, de volumes que são depois explorados em outros lugares está também documentada no concheiro mesolítico da costa algarvia de Armação Nova/Rocha das Gaivotas, onde a frequência de material de descorticagem e configuração dos núcleos contrasta com a escassez deste tipo de peças e de produtos finais (Soares e Silva, 2003).

No Neolítico antigo, o talhe da pedra é uma actividade desenvolvida no espaço habitacional, sem indícios evidentes de especialização artesanal, mas em alguns contextos a escassez de material de preparação dos núcleos tem sido interpretada como um indicador do carácter temporário das ocupações (Carvalho, 1998a, p. 83).

Na Valada do Mato, a dimensão do conjunto artefactual, resultante das actividades de talhe da pedra, constitui um importante indicador de permanência no local, ao qual se associa a diversidade tipológica registada.

O sítio possui uma utensilagem lítica destinada à realização das múltiplas tarefas próprias de espaços habitacionais. A relativa escassez de utensilagem de fundo comum, raspadeiras, raspadores, buris contrasta, como em outros sítios desta fase, com a importância dos suportes alongados com retoque marginal ou traços de utilização.

A multifuncionalidade destas peças deve ter substituído os tipos anteriores, mais específicos, e permitido a realização de diferentes actividades, com uma utensilagem tipologicamente menos elaborada.

Na Valada do Mato, a análise traceológica realizada sobre um pequeno conjunto de suportes alongados, sem configuração específica por retoque, demonstrou que estes foram utilizados para cortar, raspar e perfurar, ainda que não possuíssem formas criadas tendo em vista a função final (Gibaja et al., 2000).

Entre as actividades de carácter oficial realizadas no sítio inclui-se também o polimento da pedra, seja para fabrico de material “pesado” como machados ou enxós, seja para fabrico de objectos de adorno.

A presença de polidores atesta a realização local de uma actividade de que os produtos finais estão mal representados. A raridade de materiais de pedra polida, dada a presença de instrumental destinado a produzi-lo, e cuja existência se torna pertinente num sítio de continuada ocupação, deve justificar-se de acordo com padrões de consumo e abandono, deste instrumental, ainda não totalmente esclarecidos.

Contrasta com o pequeno número de artefactos polidos, contabilizando mesmo os objectos de adorno obtidos por essa técnica, o importante conjunto de utensilagem, mais ou menos, pesada destina ao polimento. Considerando o que pode ser a vida útil deste tipo de material, e os sinais de uso intenso que apresenta, torna-se, ainda mais, claro o desequilíbrio existente entre meios de produção e utensilagem final.

Esta aparente contradição não é exclusiva do sítio da Valada do Mato, e ainda que de forma menos evidente está presente em outros contextos do Neolítico antigo. Em S. Pedro de Canaferri (Simões, 1999, p. 221), onde está documentado apenas um único artefacto de pedra polida, existe um fragmento de polidor, e no sítio das Pipas, apesar de não ter sido recolhido qualquer machado ou enxó, foi encontrado um polidor para instrumentos de pedra (Soares e Silva, 1992, p. 56).

As características do conjunto cerâmico, recuperado na Valada do Mato, constituem um outro indicador fiável da estabilidade desta ocupação.

No actual território português, as colecções cerâmicas provenientes de contextos do Neolítico antigo têm-se caracterizado por uma relativa escassez de efectivos. Ainda em 1992, Barnett (p. 306), reconhecia a raridade deste grupos de artefactos aos quais atribuía, sobretudo, um papel de ordem social.

Esta interpretação resultava, em grande medida, do parcial conhecimento de que se dispunha acerca dos lugares de habitação, uma vez que, nos povoados permanentes, a cerâmica devia desempenhar um papel central entre os diferentes componentes da cultura material.

Em “Leucate-Corrège, a single-occupation open-air site, has produced more, and more diverse, pottery than all other sites in the Aude valley combined” (Barnett, 2000, p. 98), e no povoado de Plansallosa, os fragmentos cerâmicos ultrapassam os três milhares de peças.

Para o actual território português, torna-se difícil avaliar a exacta composição dos conjuntos cerâmicos associados a ocupações de base, e procurar paralelos para os dados provenientes da Valada do Mato.

Embora este pareça um tema perfeitamente dominado, o conhecimento acerca deste universo corresponde, sobretudo, a uma impressão colectiva, resultante do destaque gráfico que tem sido dado a alguns destes materiais.

A ausência de um catálogo de formas, de ampla divulgação, a quase exclusiva publicação dos fragmentos decorados, e a descrição individualizada dos mesmos, no âmbito dos estudos de materiais que só recentemente se organizam em torno de critérios quantitativos, constituem entraves significativos a uma análise crítica deste sector da cultura material.

Nos sítios datados dos finais do VI/primeiro quartel do V milénios cal BC, a frequência dos materiais cerâmicos pode explicar-se pela tipologia funcional e/ou cultural da estação. Nas últimas ocupações de caçadores-recolectores, a cerâmica é meramente pontual, e em alguns contextos, plenamente neolíticos, a sua escassez justifica-se a partir, ou como pressuposto, da duração de utilização proposta para a jazida.

Nos sítios onde se terão registado ocupações permanentes, a exiguidade das áreas interencionadas, ou dos níveis conservados, e a publicação parcial dos resultados não têm permitido uma efectiva caracterização dos conjuntos cerâmicos.

Na Cabranosa, a presença de grandes contentores, num conjunto que inclui um número mínimo de 10 vasos, constitui um dos critérios para determinar o carácter eminentemente sedentário da ocupação (Cardoso et al., 1998; Cardoso e Carvalho, 2003). A verificada diversidade formal, que é utilizada pelos autores como um argumento, sobretudo, de ordem cronocultural pode, também, estar conectada com uma permanência prolongada no local.

Nos povoados da área de Sines, a importância dos materiais cerâmicos é menos clara. Tavares da Silva refere a fraca densidade de materiais cerâmicos em Vale Pincel I, o que indicia a existência de ocupações pouco estáveis, neste local (Silva, 1989, p. 28), e para o povoado de natureza agropastoril, e cronologicamente mais tardio, da Salema, é mencionada a presença de uma maior concentração de estruturas e de uma maior densidade artefactual, mas não é claro o número de fragmentos recuperados na área escavada. Deste sítio provém um vaso de grandes dimensões (Silva e Soares, 1981, p. 86), e regista-se uma maior diversidade no campo da morfologia dos recipientes.

Em S. Pedro de Canaferrim, considerado um sítio especializado, a presença de grandes contentores sugere a importância das práticas de armazenamento (Simões, 1999, p. 125), mas a inexistência de formas abertas, num conjunto que inclui também recipientes cerâmicos usados para cozinhar, é mais difícil de justificar, e deve resultar da pequena dimensão da amostra, composta por apenas 90 fragmentos (Simões, 1999, p. 57, 62).

Do Abrigo de Bocas provém um conjunto amplo, ainda que “(...) artificialmente truncado(...)” (Carreira, 1994, p. 54), e onde pode ser constatada a diversidade morfológica e decorativa que caracteriza os recipientes cerâmicos do Neolítico antigo. Ainda que as notícias sobre o sítio se tenham orientado, sobretudo, para a apresentação dos materiais recolhidos na cavidade (Gonçalves et al., 1987; Carreira, 1994), e menos para a discussão das modalidades de ocupação do abrigo, as características morfométricas dos fragmentos já publicados sugere a integração destes num leque vasto de actividades domésticas associadas a uma considerável estabilidade residencial.

Os níveis do Neolítico antigo do Abrigo da Pena d'Água, ocupado episódica ou sazonalmente no contexto de actividades de caça ou pastoreio, forneceram um lote de materiais cerâmicos, onde se regista uma grande diversidade de técnicas decorativas, num conjunto constituído por um número restrito de efectivos (Carvalho, 1998b).

Ainda na Estremadura, o sítio do Laranjal do Cabeço das Pias terá sido objecto de utilizações efémeras dada a exiguidade da área ocupada, e atendendo à composição do pacote artefactual, aí recuperado. A um conjunto lítico composto por 9909 peças correspondem apenas 219 fragmentos cerâmicos (Carvalho e Zilhão, 1994, p. 58).

Na Valada do Mato, a cerâmica constitui o grupo numericamente mais significativo, com mais de 9000 fragmentos recuperados, o que traduz a importância assumida por esta categoria de artefactos nas actividades quotidianas.

A diversidade morfométrica dos recipientes cerâmicos constitui um indicador da estabilidade e da funcionalidade da ocupação, onde estes vasos representam uma componente essencial do sistema artefactual.

A presença, ou o domínio, de tipos restritos de vasos coaduna-se mal com as necessidades de um povoado permanente, onde as diferentes actividades relacionadas com o processa-

De acordo com os resultados das análises faunísticas está directamente documentada a caça e a pastorícia, ainda que o número de exemplares classificados seja, em qualquer das situações, pouco significativo, e não permita definir o peso específico destas actividades.

Os dados da cultura material são, por isso, utilizados enquanto indicadores indirectos das estratégias de subsistência praticadas, permitindo uma aproximação ao sub-sistema económico (Quadro 55).

Entre os materiais de pedra lascada, a análise da utensilagem aponta para um equilíbrio entre as diferentes componentes do sistema, e para uma aparente ausência de especialização sobre recursos específicos.

QUADRO 55

Valada do Mato – actividades de subsistência e utensilagem retocada*

Utensilagem doméstica (a)	Pontas de projectil (b)	“Elementos de foice” (c)	Índice de actividades de caça (d)	Índice de actividades de ceifa (e)
289 (39,6%)	222 (30,4%)	217 (29,8%)	0,76	0,75

* A classificação da utensilagem e o cálculo dos índices de actividade seguem os critérios expostos por Carvalho, 2003, p. 146:

(a) – lascas, lâminas e lamelas com retoques marginais, entalhes ou denticulados; furadores e brocas; raspadores e raspadeiras; (b) – lamelas de dorso apontado e geométricos; (c) – lâminas e lamelas, retocadas nos gumes ou não, mas intencionalmente segmentadas por flexão, percussão ou através de truncatura; (d) – pontas de projectil – utensílios domésticos; (e) – “elementos de foice” – utensílios domésticos.)

A caça é, a este nível e atendendo à presença de um número importante de armaduras, a actividade de menos equívoca demonstração. Na Valada do Mato, as pontas de projectil representam 30% da utensilagem retocada, mas, apenas, cerca de 11% da utensilagem total (peças retocadas + peças com traços de utilização).

Os resultados da análise traceológica, realizada sobre uma amostra de 81 segmentos, demonstrou que 42 apresentam fracturas resultantes do seu uso como armaduras (Gibaja et al., 2002, p. 222), e a presença, no sítio, de um polidor de micaxisto, empregue no fabrico de cabos de projecteis, e de peças fragmentadas por uso, indica ainda que a produção/reparação do equipamento de caça, era realizada no espaço habitacional.

O peso da componente geométrica que tem sido utilizado para definir o grau de especialização económica não está, necessariamente, associada a contextos crono-culturais específicos, mas depende da funcionalidade dos sítios observados.

Os dados provenientes de um conjunto de ocupações cardiais, do Sul de França, são, neste campo, particularmente elucidativos. No povoado agro-pastoril de Baratin, as pontas de projectil rondam os 27% da utensilagem retocada, na gruta-curral de Fontbrégoua, onde a caça desempenhou um papel importante, representando mais de 42% da carne consumida, as armaduras atingem os 39% da utensilagem, e no sítio de caça da gruta Lombard, onde os restos de espécies selvagens atingem os 84% do conjunto, os geométricos representam 50% dos utensílios recuperados (Courtin, 2000, p. 59; Binder, 2000, p. 137).

Nos contextos do Mesolítico final do Sul de Portugal, nos quais a caça possui um papel inequívoco, a percentagem da utensilagem geométrica é semelhante à registada em Fontbrégoua. Em Medo Tojeiro, os geométricos constituem cerca de 50% do material retocado (Soares, 1995, p. 45), e nos concheiros do vale do Sado podem, mesmo, ultrapassar esta percentagem.

Os valores obtidos na Valada do Mato, que se aproximam dos definidos para o povoado agro-pastoril de Baratin, reflectem a importância das actividades cinegéticas, mas demonstram, também, que a caça não constitui uma actividade dominante no campo das estratégias de subsistência, e que o sítio não pode, portanto, ser classificado como um acampamento de caça.

A presença de uma economia mista reflecte-se no quadro, onde pode ser constatada a semelhança dos índices de actividades de caça e de actividades de ceifa.

No entanto, a menor definição tipológica dos “elementos de foice” pode, em parte, camuflar a real importância das práticas agrícolas. A recolha, no povoado de La Draga, de uma foice exclusivamente fabricada em madeira (Bosch et al., 2000, p. 228), demonstra que, ao contrário da caça que deu origem a uma utensilagem relativamente especializada, a recolha ou ceifa de produtos vegetais não exigia um grau tão elevado de configuração artefactual.

As quatro peças com “lustre de cereal” identificadas na Valada do Mato (Gibaja et al., 2002), não exibem uma particular uniformidade morfológica ou, com excepção do próprio brilho, qualquer característica que as distinga da restante utensilagem.

Trata-se sempre de suportes lamelares, com larguras que oscilam entre os 6 e os 11 mm. Três peças apresentam extremidade proximal e mesial, e apenas uma é simplesmente mesial. Um único exemplar possui retoque marginal, e os outros três exibem apenas traços de utilização.

Nenhuma destas peças, que estiveram efectivamente envolvidas no processamento de vegetais não lenhosos, seria considerada, na ausência do lustre, como elemento de foice, de acordo com os critérios propostos para definir esta categoria de utensílios, o que demonstra a dificuldade em determinar no conjunto dos materiais talhados aqueles que foram empregues em tarefas de ceifa ou de recolha. Inclusivamente em contextos onde a agricultura está directamente documentada o número de peças com “lustre de cereal” é sempre pouco significativo.

No Buraco da Pala, o único sítio, em Portugal, dos inícios do V milénio cal BC, onde existem restos de cereais, apenas 10 peças foram conectadas com a ceifa (Sanchez 1997, 2, p. 25).

No Laranjal do Cabeço das Pias, as práticas agrícolas deduzem-se a partir da existência de material lítico que podia ter funcionado como elementos de foice, mas não é feita qualquer referência à presença de “lustre de cereal” (Carvalho e Zilhão, 1994, p. 61).

Em contextos mais tardios, onde a existência de actividades agrícolas já não é questionada, a questão do lustre de cereal não tem suscitado particular interesse. No entanto, neste debate, esses dados seriam muito úteis. Se a percentagem de peças com brilho, provocado por este tipo de uso, for sempre diminuta, os valores detectados nos conjuntos do Neolítico antigo não serão, em si mesmos, um reflexo da menor, ou maior, importância destas práticas.

Na Valada do Mato, o reduzido número de utensílios onde foi identificado “brilho de cereal” contrasta com a importância numérica das peças que podem ter sido usadas como “elementos de foice”, e que constituem um dos objectivos centrais da debitagem realizada no local.

A pouca visibilidade artefactual das práticas agrícolas, nos contextos do Neolítico antigo, é também evidente ao nível da utensilagem polida e afeiçãoada, o que tem conduzido alguns investigadores a admitir que a agricultura teria sido praticada, no actual território português, apenas em momentos terminais da etapa neolítica.

No entanto, nos últimos anos, as escavações realizadas em contextos onde se conservaram restos de trigo e de cevada, mas onde o material relacionado com o ciclo agrícola continua mal representado, criam um cenário mais complexo e demonstram que, neste campo, não existe uma relação imediata entre a frequência de alguns componentes do sistema artefactual e o peso das actividades a que estão associados.

Na Valada do Mato, a presença de dois fragmentos de machado e de um fragmento de enxada podia traduzir a importância mínima, ou mesmo a ausência de qualquer tipo de actividade agrícola. No entanto, e como já foi referido, a presença de polidores e de lascas de anfibolito polido sugere uma actividade de polimento da pedra de que não se encontram reflexos nos restos artefactuais identificados no decorrer da escavação.

No Neolítico antigo, ao contrário do que seria previsível, não parece existir uma relação directa entre o peso das práticas agrícolas e a frequência de instrumentos polidos destinados a criar, ou a trabalhar em campos agrícolas.

No povoado de La Draga, com uma economia de base agrícola, não foi recuperado nenhum machado, e neste sítio em que o trabalho da madeira está ampla, e directamente documentado, foram recolhidas apenas nove enxós, ou sachos, de pequena dimensão.

No povoado da Plansallosa, onde existem evidências directas das práticas agrícolas, foram recuperados dois fragmentos de machados, e três enxós, e no nível IV do Buraco da Pala, foi recolhida uma única enxó.

Uma vez que, mesmos nos sítios onde a agricultura constitui a base da economia, os utensílios polidos são sempre raros é de admitir que os padrões de utilização, e abandono, deste tipo de instrumental possam justificar a sua escassez nos contextos habitacionais. Esta escassez não pode, como demonstram os sítios onde se conservaram macro-restos vegetais, ser linearmente conectada com a sub-representação das práticas agrícolas.

A frequência dos elementos de mó apresenta uma problemática semelhante.

Depois dos trabalhos realizados por V. Gonçalves (1989), nos povoados calcolíticos do Alto Algarve Oriental, tornou-se claro que moventes e dormentes constituíam uma componente essencial dos conjuntos artefactuais dos grupos agro-metalúrgicos. A moagem constituía uma actividade central, entre as múltiplas tarefas realizadas em contexto habitacional, e o número de peças recuperado atestava a importância da economia agrícola.

A este apogeu da economia produtora opunham-se, no outro extremo, os dados conhecidos para o Neolítico antigo. A raridade deste material reflectia a raridade das práticas agrícolas, e admitia-se uma evolução, mais ou menos, linear entre estes dois universos que o, quase total, desconhecimento dos sítios de habitat intermédios não aconselhava.

Na Valada do Mato foram, até ao momento, recuperados 17 moventes e nenhum dormente. Os moventes apresentam-se por regra muito fragmentados, e o acusado polimento de algumas das superfícies activas parece sugerir um grau intenso de utilização.

A ausência de dormentes pode em parte dever-se à exiguidade da área escavada, e à existência de áreas de moagem ainda não detectadas. A menor mobilidade destes elementos, assumindo que esta actividade decorreria no espaço habitacional, justificaria a sua não identificação.

É, no entanto, de admitir que a moagem pudesse decorrer em áreas exteriores ao povoado. Na região de Pavia, a identificação de dormentes e moventes, em terrenos onde não estavam presentes quaisquer outros tipos de artefactos (Calado e Rocha, 1996, p. 675), sugere que em fases, não datadas, do Neolítico, a farinhação seria praticada em áreas não residenciais, num processo de fraccionamento espacial da cadeia produtiva.

No Calcolítico, o clima de insegurança — seja esta uma realidade física, uma metáfora social, ou ambas — que levou à construção de muralhas de pedra, pode ter justificado a escolha de espaços próximos ao, ou no interior do, habitat para a realização destas actividades.

Nos povoados permanentes do Neolítico antigo os elementos de mó, quando estão presentes, são sempre raros. Em La Draga foram recuperados 12 dormentes e 14 moventes. Os dormentes não ultrapassam os 230 mm x 155 mm, e o exemplar representado graficamente, possui uma superfície activa quase plana, onde não é perceptível o desgaste por uso (Bosch et al., 2000, p. 217).

Do povoado da Plansallosa provêm, da fase mais antiga dois fragmentos de dormente e dois fragmentos de movente, e da fase mais recente, três dormentes inteiros, 11 fragmentos, e 2 moventes. Os dormentes são também de pequena dimensão, e em 14 peças apenas quatro apresentam a superfície activa côncava. No exemplar graficamente representado (Bosch et al., 1998, p. 75), com a superfície activa plana, não são sequer evidentes as características que justificaram a sua classificação como dormente.

Estas peças, pelo seu número, pela sua dimensão e pelo grau incipiente de uso que evidenciam podem estar relacionadas com outras acções que não o processamento de cereais.

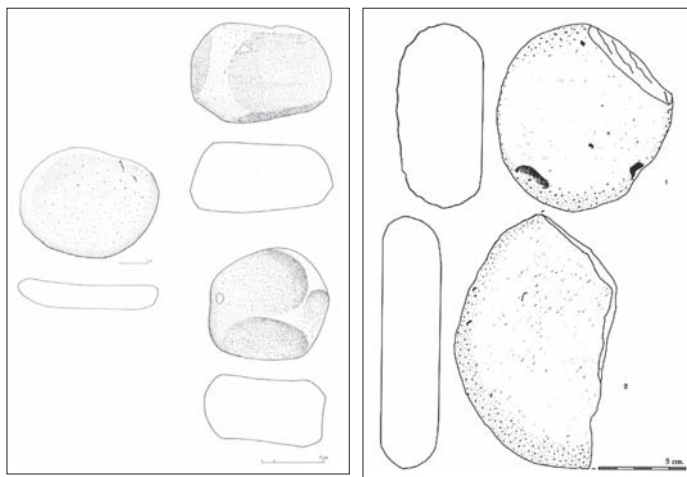


FIG. 88 - A - Elementos de mó de La Draga (Bosch et al., 2000, p. 217 e 218);
B - Elementos de mó de Plansallosa (Bosch et al., 1998, p. 75).

Parece pouco credível que a uma produção agrícola, como a detectada em La Draga, onde se conservou uma enorme quantidade de grãos de cereal (Bosch et al., 2000, p. 139), corresponda este equipamento de farinhação (Fig. 88).

Se neste momento, se avolumam, no espaço peninsular, os testemunhos directos da agricultura, em contextos do Neolítico antigo, são ainda mal conhecidos os processos técnicos, as componentes artefactuais envolvidas, e as áreas, intra e extra, habitat onde decorrem estas actividades.

Em Portugal, acerca dos povoados da Costa Sudoeste, Tavares da Silva e Soares referem-se, em diferentes ocasiões (1981, p. 98; 1989, p.27), ao número relativamente elevado, mas não descrito, de mós recuperadas na Salema. A única imagem que é publicada de um dormente evidencia uma concavidade muito nítida, devida ao uso.

Neste sítio, onde se teriam farinado cereais, foram identificadas estruturas relacionadas com actividades de processamento de produtos alimentares, fornos e empedrados, mas não foram detectadas estruturas de tipo residencial, pelo que é de admitir que nestes contextos possam ter existido áreas funcionalmente especializadas.

Na Valada do Mato, a pequena amostra de materiais de pedra polida e a não identificação, até ao momento, de dormentes não deve por isso ser interpretada como um sinal da inexistência de práticas agrícolas.

O significado dos materiais cerâmicos no quadro das diferentes práticas económicas, predação *versus* produção é, à partida, menos claro.

Ainda que a manipulação sistemática deste tipo de recipiente e a sua utilização em tarefas de armazenamento, transformação e consumo de produtos alimentares implique uma ruptura, ao nível dos comportamentos domésticos, com etapas anteriores, e que a vulgarização do uso de vasos cerâmicos esteja, no registo arqueológico associada a grupos agro-pastoris, a sua presença não é um atributo exclusivo dos sistemas produtores.

No entanto, nos sítios ocupados por caçadores-recolectores nos finais do VI/inícios do V milénios cal BC, os materiais cerâmicos, quando presentes são sempre em número muito reduzido.

Na Valada do Mato, a abundância de recipientes constitui um indicador indirecto não apenas da modalidade de ocupação do sítio, mas também das práticas de subsistência, que conjugavam esquemas predatórios e produtores.

Esta economia mista, onde existem novos produtos que permitem ultrapassar as fases de quebra nos recursos naturalmente disponíveis, é considerada a base de sustentação desta ocupação permanente no interior alentejano.

Nas regiões mediterrâneas, o final do Verão representa o momento de maior *stress* do sistema (Clarke, 1978, p. 28), fase que podia ser, nestas circunstâncias, superada pela existência de produtos domésticos.

As condições ecológicas da região, e a existência de solos leves sobre substratos graníticos, facilmente trabalhados com a tecnologia elementar de que estes grupos dispunham, são favoráveis ao desenvolvimento de práticas agrícolas, de momento, impossíveis de quantificar.

8.4. Uma leitura sintética

O sítio da Valada do Mato não constitui, na região a Oeste de Évora, um caso único, e se o “ambiente cultural” não foi, como é da norma, tratado logo na abertura do capítulo tal facto decorre da exiguidade da informação disponível que dificilmente permite sustentar, ou invalidar, a leitura feita acerca desta ocupação.

Na região, os escassos materiais cerâmicos e líticos recolhidos na Gruta do Escoural (Santos, 1971), integráveis no Neolítico antigo, permaneceram durante décadas num total isolamento cronológico e cultural, e tornava-se difícil enquadrar historicamente os vestígios recuperados na cavidade, dada a ausência de “(...) outras jazidas deste período no interior alentejano(...)” (Araújo e Lejeune, 1995, p. 54).

O quadro altera-se a partir dos dados provenientes das prospecções levadas a cabo por Manuel Calado (Calado e Sarantopoulos, 1996; Calado, 2000), que apontam, de acordo com a tipologia dos materiais recolhidos em superfície, para a existência, na área, ao longo do Neolítico antigo, de um povoamento relativamente denso e genericamente sincrónico.

Estes sítios apresentam uma lógica de implantação comum, em torno de grandes afloramentos graníticos e, tal como na Valada do Mato, foram aí recolhidas cerâmicas impressas e incisas associadas a uma indústria lítica de feição lamelar, sobre sílex.

Ainda que de alguns destes povoados provenham raras formas cerâmicas carenadas, que podem indiciar reutilizações destes espaços em outros momentos da diacronia neolítica, a análise dos materiais sugere que parte destes sítios terão, como a Valada do Mato, uma única fase de ocupação.

No entanto, e uma vez que estes contextos não foram ainda objecto de escavação não é, neste momento, possível definir a rede de povoamento em que se integravam, e o carácter permanente, ou temporário, destes habitats.

Os escassos materiais provenientes das escavações realizadas no povoado dos Almendres, e no povoado de Cuncos (Gomes, 1989, 1994, 1997a, 1997b) parecem, também, integrar-se nesta etapa da sequência neolítica.

E os dados, ainda em fase de estudo, obtidos nos sítios da Carraça I, Xarez 4, Fonte dos Sapateiros e Xarez 12 confirmam que o povoamento da primeira fase do Neolítico se estende até às margens do Guadiana (Gonçalves, 2002a).

Perante este quadro, os fragmentos de cerâmica cardial e impressa recolhidos na gruta do Escoural já não constituem um elemento pontual, fruto de uma investida inconsequente, num território desprovida de povoamento contemporâneo, mas podem ser o reflexo da utilização pontual desta gruta, como espaço funerário, por parte destas populações.

A confirmar-se esta leitura podia afirmar-se que os grupos, que no Neolítico antigo ocuparam esta área do interior alentejano transportaram, ou aderiram, no campo dos comportamentos relacionados com a morte, a um modelo detectado na Estremadura portuguesa, onde é sistemática a utilização de grutas naturais como lugares de enterramento.

Ao contrário das práticas dos caçadores-recolectores que sobrepunham, no mesmo espaço, habitats e necrópoles, as comunidades do Neolítico antigo terão, por norma, dissociado estas áreas, e apresentam neste campo, eminentemente simbólico do sistema cultural, uma ruptura evidente com as práticas desenvolvidas ao longo do Mesolítico.

A presença, no interior alentejano, na transição do VI para o V milénios cal BC, de populações miscigenadas, estabelecidas em povoados permanentes, praticando uma economia mista, como foi detectado na Valada do Mato, constitui um reflexo da complexidade dos processos de neolitização que afectaram o Mediterrâneo ocidental e o extremo Sul da Europa atlântica, e que adiante serão discutidos.